



PAINEL:
CENÁRIO “ALIMENTO DO FUTURO”.

PAINELISTAS: Ministro José Graziano da Silva / FAO , Rodrigo Almeida / Monsanto.

MODERADOR: José Luiz Tejon, Diretor de Pós-Graduação em Agronegócio da ESPM e Prof. da FGV-SP. Comentarista da Rede Eldorado de Rádio, do Grupo O Estado de S Paulo.

O ALIMENTO DO FUTURO
José Luiz Tejon

Com a participação de José Graziano da Silva, representante da FAO e Rodrigo Lopes Almeida, Diretor de Assuntos Corporativos da Monsanto Brasil; as principais conclusões apresentadas e debatidas foram:

- O alimento do futuro será muito parecido com o atual, porém com uma consciência de sustentabilidade profundamente mais elevada, por parte de todos os agentes da cadeia produtiva do setor alimentício. O consumo consciente incentivado por entidades, organismos pelas campanhas de boas práticas na nutrição humana crescerão de forma exponencial. Os setores do varejo e dos serviços da alimentação ampliarão suas preocupações e sistemas de controle de todas as matérias primas vegetais e animais, dos insumos, dos processos e da sustentabilidade ambiental e social, na busca de atender às novas exigências do mercado consumidor final.

- A agroindústria terá na rastreabilidade da produção agropecuária um aspecto novo e importante como diferencial de marketing e vendas, na competição por um posicionamento vencedor nos mercados. O setor da produção rural, a agropecuária propriamente dita, obterá como oportunidade a possibilidade de fugir do clássico negócio de “commodity”. A “des-commoditização” é um processo que já teve início e que atingirá grandes dimensões nos próximos 10 anos. A origem dos grãos, os processos de uma agricultura certificada, o marketing de origem. Esses aspectos oferecerão visibilidade do produtor rural ao longo de toda a cadeia produtiva. Novos contratos e coordenação das cadeias ocorrerão.

- No campo da tecnologia, seja química, mecânica ou genética, uma nova onda de produtos desenvolvidos para beneficiar a saúde humana será alvo dos novos lançamentos. Também, sementes e materiais genéticos que contribuam para a diminuição dos custos de produção e do uso de químicos no combate a pragas e doenças. Sementes com maior tolerância à escassez de água, por exemplo, à variações climáticas, ou materiais genéticos desenvolvidos especialmente para permitir a produção de alimentos em zonas da terra extremamente rústicas, o que será fundamental no combate à fome e à pobreza global.

- A tendência mundial é aumentar a demanda por proteína animal, em um ângulo do grande mercado consumidor. Em outros segmentos crescerá uma alimentação desejosa do “artesanal”, do orgânico, do especial, da agricultura familiar, e mesmo - veremos um forte movimento “neo-rural”, trazendo o verde para dentro dos centros urbanos.

- Para 2050 as estatísticas apontam termos uma população de cerca de 9 bilhões de pessoas. O combate ao desperdício dos alimentos, ou seja, aquilo que se perde nas colheitas, pós colheitas, transporte e no processo do preparo do alimento e bebidas, chegando até as feiras e no próprio

ambiente doméstico, será também alvo de fortes campanhas conscientizadoras buscando reduzir os atuais números em torno de 30% no mundo todo.

- O combate à pobreza, a redução da fome no mundo, o crescimento da oferta de alimentos, são aspectos não conflitantes com a sustentabilidade. Ao contrário: convergem para uma nova era que integra o pequeno ao grande, o high tech ao “ non tech “, que gera centenas de micro segmentos e nichos alimentares e que passará por uma revolução de consciência e de cidadania dos novos consumidores. Logística terá um papel essencial, ao lado de infra-estrutura.

- José Graziano salientou um aspecto de extrema importância que precisa ser realçado neste comentário: **A IMPORTANCIA DAS CRIANÇAS**. Esse novo cidadão e consumidor deve ser educado desde cedo para os nobres padrões alimentares. As organizações alimentícias tem o dever de dedicar às crianças campanhas educativas e evolutivas sobre os alimentos e sua produção. Com isso toda a mídia e os sistemas de informação e educação poderão contribuir de forma real e veloz para a segurança alimentar em quantidade e qualidade do planeta.

A grande batalha é a da vigilância, consciência, e uma visão de evolução do mundo contra o atraso e retrocessos. A **responsabilidade produtiva da cadeia alimentícia** exige um novo estilo de liderança e de líderes, e realça a importância das entidades, associações, órgãos governamentais e não governamentais e sistemas cooperativos: “ *responsabilidade não apenas pelo que cria, mas também pelo que não destrói* “.

A reunião dos interesses e exigências das distintas cadeias produtivas alimentares, deverão atrair para um debate saudável, organismos como a FAO e outros de governança pública, para podermos desenvolver métricas e processos regulatórios isentos e de livre competição e acesso aos mercados do mundo, não caindo na tentação de se transformarem somente em obstáculos e novas artimanhas de barreiras comerciais de última geração.